

# Editorial / Editorial

O compromisso com a compreensão das dinâmicas sociais que marcam a contemporaneidade instiga a imaginação sociológica a ampliar as fronteiras temáticas e a sofisticar permanentemente seu instrumental epistêmico. Não basta apenas descobrir novos aspectos de fenômenos já amplamente estudados para assinalar os avanços do pensamento sociológico. A ampliação disciplinar também se revela a partir da abordagem de fenômenos emergentes e problemas que ganham contornos de questões públicas.

Essa a temática da presente edição intitulada “O sono e os sonhos: experiência onírica e vida social”. Portanto, de negável importância para os que se debruçam sobre as comunidades imaginadas, como nos ensinava Benedict Anderson, e as relações entre as nações, que se convencionou batizar de relações inter-nacionais.

O sono abandona os limites fisiológicos dados por seu caráter universal para tornar-se um fenômeno cujos condicionantes sociais interferem diretamente em sua concretização e valor simbólico. Em sua dinâmica de transformações coletivas, o sono pode ser compreendido como a última fronteira fisiológica não colonizada pela lógica produtivista do capitalismo neoliberal (Crary, 2014). Em um sistema cujo ideal de atividade laboral pode ser resumido pela fórmula 24h / 7 dias por semana, a constante compressão do tempo cronometrado por demandas cotidianas cumulativas acaba por configurar-se a nossa como uma “sociedade do cansaço” (Chul Han, 2015).

As práticas ligadas ao sono (a exemplo do sonhar) vão sendo paulatinamente minadas, quantitativa e qualitativamente. Dorme-se menos tempo um sono de pior qualidade, cuja superficialidade abriga sonhos facilmente esquecidos frente ao intenso ritmo das mentes em vigília.

A relação entre sono/sonho e vida social pode ser tratada como um desdobramento importante de uma sociologia da imaginação ou do imaginário. Ou pode-se admitir que este constitui um domínio disciplinar interpretativo recente e uma contribuição absolutamente inovadora para a pesquisa sociológica, considerando que essa temática, até muito recentemente, esteve associada a campos como aquele da psicanálise.

A proposta conceitual e metodológica de uma interpretação sociológica dos sonhos tem sido capitaneada por dois tomos publicados pelo sociólogo francês Bernard Lahire (2018; 2021). Este autor busca superar as análises dos sonhos mais centradas no indivíduo e em experiências traumáticas acumuladas em sua psique, a partir das contribuições interpretativas formuladas por uma sociologia disposicionalista da experiência onírica, sobre a qual ele vem teorizando ao longo dos últimos vinte anos.

Saber narrar e compartilhar os próprios sonhos representa uma característica bastante recorrente e valorizada não só entre pessoas que acumularam forte capital cultural em nossa sociedade, mas também entre grandes líderes, pajés e xamãs de diferentes povos indígenas. Por isso, nas comunidades tradicionais, saber sonhar significa não só dominar o acesso a sabedoria de antepassados, mas também vislumbrar futuros possíveis. Nas palavras de Ailton Krenak (2020, p. 37): “experiencio o sentido do sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano”. Como dimensão fundamental na vida de diferentes populações ameríndias, os sonhos ganham contornos de um acontecimento marcante. Por isso, para estas populações, não se trata apenas de representações, mas de “vida experimentada”, como propõem Krenak, Davi Kopenawa e Hanna Limulja (2022).

Aprender com esses povos implica em conferir ao sonho o status de potente ferramenta epistêmica. Esta permite superar o paradoxo sistêmico do modo de produção capitalista, o qual ameaça a continuidade da própria vida humana no planeta. Nesse sentido, o sonho na cosmovisão das comunidades tradicionais assume centralidade na construção de outros mundos possíveis. Do mesmo modo, sob uma perspectiva crítica e transdisciplinar, o sonhar funde de forma inequívoca memórias, emoções e

imaginação, relativizando a aderência a realidades naturalizadas, em função da abertura a outro real.

Assim, ao aproximar as áreas de ciências humanas da experiência onírica deparamo-nos com a interpretação de uma multiplicidade de sentidos que se encontra ao abrigo do sonhar. Para dar conta desta diversidade, esse dossiê buscou selecionar estudos que subsidiem a compreensão e a intervenção sobre sintomáticos modos de sofrimento mental coletivo. Sendo assim, a pergunta que norteia a organização desta edição temática é: qual a contribuição de novas interpretações socioantropológicas do sono e dos sonhos para a compreensão das dinâmicas que marcam a vida social contemporânea?

Nesta edição, Tensões Mundiais reuniu sete artigos que abordam os eixos temáticos descritos a seguir.

A dimensão heurística dos sonhos no esforço sociológico de interpretação da vida social contemporânea é problematizada a partir das contribuições sistemáticas e abrangentes das formulações teóricas e metodológicas de Bernard Lahire (ENS/Lyon), realizadas por Gabriel Peters (PPGS/UFPE). O artigo apresenta o sonho como uma modalidade de comunicação interna da subjetividade consigo mesma a respeito de preocupações existenciais experimentadas na vida de vigília. Como outras formas de reflexividade exercidas pela subjetividade desperta, o sonho é uma “elaboração adiada” de questões insuficientemente tratadas na experiência anterior do indivíduo devido às “urgências da prática” (Bourdieu).

A perspectiva historiográfica aguçada e o conhecimento acumulado no campo das ciências da religião conduzem o leitor do passado ao presente, respectivamente a partir das relações entre sonho e imaginação histórica; religião, sonho e espiritualidade profética, nos artigos de Philippe Martin (ISERL/Lyon 2) e de Marcelo Camurça (UFJF).

Philippe Martin abraça a oportunidade oferecida pelo diário mantido pelo médico do jovem Luís XIII, no século XVII, para desvelar os remédios e as crenças que municiaram toda uma sociedade em sua lida com as angústias que emergiam da hora de dormir, frente às noites mal dormidas e a pesadelos.

Marcelo Camurça discute o modo como o imaginário ligado ao Antigo Testamento se legitima nos sonhos, visões e revelações de profecias que são apropriadas pelo “povo escolhido” por Deus, qual seja, o meio evangélico-pentecostal, na forma de mensagens divinas sobre destinos políticos e morais da sociedade brasileira.

Por sua vez, Olivia Legrip (Université Catholique de Lyon), aborda em seu texto aproximações entre a singularidade da psique individualizada e os condicionantes culturais, a partir dos relatos biográficos dos curandeiros malgaxes. Estes narram diferentes tipos de sonhos, com destaque para aqueles que envolvem o próprio pesquisador, integrando e legitimando sua presença junto aos pacientes.

Paula Guerra (Universidade do Porto) explora a dimensão utópica que emerge da ligação entre arte e sonho a partir do Festival de Paredes de Coura. Este “Couraíso” é tomado como patrimônio imaterial transformador, pois o evento potencializa a projeção de futuros sociais alternativos que subsidiam a reelaboração da vida de uma pequena cidade portuguesa no interior do país.

As perspectivas antropológica e das culturas tradicionais acerca do papel dos sonhos atravessam as contribuições de Elizabeth Pissolato (UFJF), no artigo “Sonhar lugares, lidar com o que não vemos: aproximando-nos de sonhos Guaranis”. Já o trabalho intitulado “Globalização da Cultura ou Cultura da Globalização? A relação com a cultura autóctone moçambicana”, de autoria de Itelio Muchisse (Universidade Católica de Moçambique) e de Pedrito Cambrão (Universidade Zambeze), vem somar-se à perspectiva oferecida pelas culturas tradicionais.

Enriquecemos a composição desse dossier com o ensaio poético “A cidade, as pedras e os sonhos”, o qual traça uma estimulante reflexão sobre as transformações no mundo urbano, a partir dos poemas do arquiteto Napoleão Ferreira. Sua amiga e colega Solange Schramm (UFC) nos introduz ao seu acurado senso da vida nas grandes cidades, ressaltando sua percepção dos cenários e da paisagem humana.

Cabe destacar, ainda, que a professora Gema Galgani (UFC) nos brinda com uma emocionante homenagem póstuma ao economista francês Pierre Salma, amigo de longa data e estimulante

convivência, além de renomado estudioso da América Latina. Sua trajetória é apresentada com ênfase em suas rotineiras visitas ao Ceará, onde participava do Conselho Editorial da revista *Tensões Mundiais*.

Desejamos uma leitura proveitosa,

Kadma Marques  
Gabriel Peters  
Philippe Martin